

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Lutero Biografado:
Indivíduo e Sociedade nas biografias de Heinz Schilling e Lyndal
Roper.

Brasília - DF

2018

Lutero Biografado:
Indivíduo e Sociedade nas biografias de Heinz Schilling e Lyndal
Roper.

Trabalho apresentado em conclusão ao curso de graduação de História da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em História.

Banca examinadora:

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo. (Orientador)

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis

Prof. Dr. Estevão de Rezende Martins

Brasília, junho de 2018.

Amanda Ferrari Vasconcellos

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos uma análise historiográfica das biografias de Martinho Lutero, escritas pelos historiadores Heinz Schilling e Lyndal Roper, a partir da problemática que envolve a correlação do Indivíduo e da Sociedade na narrativa histórica. O objetivo é demonstrar como cada autor se vale desses dois elementos para construir sua interpretação acerca dos fatos que envolvem a vida do personagem procurando evidenciar similaridades e diferenças em suas obras. Em suma, realizaremos um exame destas duas biografias, pautados pelo binômio Indivíduo-Sociedade, explanando como os historiadores se apropriam destes fatores para, conforme seus interesses de pesquisa, produzirem trabalhos que, apesar da semelhança no gênero de escrita e do objeto estudado, são diferentes e, por isso, complementares.

Palavras-chave: Biografia histórica, Martinho Lutero, Heinz Schilling, Lyndal Roper, Indivíduo, Sociedade.

ABSTRACT

In this work, we will present a historiographical analysis of the Martin Luther's biographies, written by the historians Heinz Schilling and Lyndal Roper, from the problematic that involves the correlation of the Individual and the Society in the historical narrative. The objective is to demonstrate how each author uses these two elements to construct their interpretation about the facts that involve the life of the character seeking to evidence similarities and differences in their works. In short, we will examine these two biographies, guided by the Individual-Society binomial, explaining how historians appropriate these factors, according to their research interests, to produce works that, despite the similarity in the genre of writing and the object studied, are different and therefore complementary.

Keywords: Historical biography, Martin Luther, Heinz Schilling, Lyndal Roper, Individual, Society.

AGRADECIMENTOS

Sempre e primeiramente ao Deus, uno e trino, senhor de toda a minha vida, que me criou, me salvou e me concede todas as graças que necessito. A vós toda honra e toda glória sempre.

À minha mãe, Maria Santíssima, sede da sabedoria, consoladora dos aflitos e auxílio dos cristãos. Quantas vezes roguei a ti, Santa Virgem, e em todas elas fui ouvida.

Aos meus pais, Márcio e Alice, e ao meu irmão, Bruno, por serem minha base e meu apoio, por me permitirem ser aquilo que sou e por me amarem tanto. Não saberia dizer o quanto vos amo, mas todas as minhas conquistas, as menores e as maiores, eu prometo, serão sempre vossas.

Ao querido Padre Daniel Pinheiroque é literalmente a minha direção nas dificuldades dessa vida. Espero ser uma melhor filha, padre.

Ao professor André, indiscutivelmente o melhor professor que já tive. Obrigada, não só por construir comigo este trabalho, mas por me formar como historiadora. A felicidade que eu tenho pela História aprendi de você.

Aos meus amigos queridos, que caminham comigo nesta vida, que ouvem meus lamentos e suportam meus defeitos, muito obrigada! A vida seria muito menos doce sem vocês. A você, Brunno, o agradecimento é bem mais especial, espero que saiba.

Ao meu chefe, Ronald, por confiar em mim profissionalmente. Sabe, não é fácil administrar tantas responsabilidades e, por isso, acredito que minha conquista universitária só foi possível pelo apoio que sempre recebi de ti.

Enfim, a todos aqueles que ao longo desses 4 anos do curso de História, 8 anos de UnB e 24 anos de vida contribuíram para que eu seja quem sou.

Introdução.

Then, on October 31, 1517, Luther posted his Ninety-five Theses. If they were seriously intended to bring about a disputation, their formal function was soon an irrelevance. [...] It is not difficult to understand why the Ninety-five Theses caused such uproar. The indulgences question was linked with the assault on the established authorities. [...] So far as Luther himself was concerned, the theses marked a profound shift in his own understanding of himself, for around the time of their posting, he changed his name.

O trecho acima foi retirado da biografia produzida pela historiadora australiana Lyndal Roper para os quinhentos anos do que ficou marcado na historiografia como a Reforma Protestante. Informações semelhantes poderiam ser retiradas de qualquer obra histórica que trata desses eventos ocorridos em uma cidade do Sacro Império Romano Germânico no século XVI. Qual a função então de demarcar essas frases? E especificamente neste livro? O que as tornam significantes para o trabalho que aqui será desenvolvido?

Ponderaremos ao longo deste exercício o uso das biografias dentro da história atual, demonstrando como os elementos individuais e contextuais imbricam-se para produzir a narrativa de cunho histórico. Neste sentido, examinaremos duas obras biográficas escritas para narrar historicamente o reformador Martinho Lutero. Estas produções, inclusive, são extremamente contemporâneas uma vez que foram publicadas no ensejo do aniversário de 500 anos da Reforma protestante ocorrido em 2017.

Para que possamos realizar tal análise iniciaremos, portanto, pela compreensão de como as biografias, enquanto gênero de escrita, podem ser encaradas dentro da História. Isso porque, apesar de as citarmos como obras de historiadores profissionais, o que pode trazer certa naturalidade à associação Biografia-História, esta relação nem sempre foi tão bem aceita pelos pensadores da disciplina. Demonstraremos, então, os caminhos teóricos que nos permitem realizar um exame historiográfico a partir de biografias, especificamente no que tange ao balanço entre questões individuais e contextuais que marcam narrativas biográficas.

Superado este passo, trataremos mais especificamente do personagem Martinho Lutero enquanto objeto de análise de biografias. Assim, procuraremos exibir introdutoriamente como esta figura vem sendo revisitada pelos trabalhos atuais em comparação com as antigas interpretações sobre este mesmo sujeito histórico. Para finalizar a introdução, elucidaremos o porquê da escolha das obras de Heinz Schilling e Lyndal Roper para protagonizar esta análise historiográfica, que está focada na compreensão de como os autores se valem de aspectos individuais e contextuais para construir suas narrativas.

Biografia histórica: gênero historiográfico.

Em um primeiro momento, o uso da palavra “biografia” parece suscitar entendimentos simples e harmônicos. Queremos dizer que se alguém diz ter lido uma biografia sobre Lutero, por exemplo, não são necessárias muitas informações adicionais para se especular o conteúdo da obra. Provavelmente, este leitor se deparou com informações sobre o nascimento e a morte do intitulado personagem.

Entretanto, quando tentamos classificar o conteúdo das biografias dentro de uma divisão acadêmica, a simplicidade descrita acima se molda para questões mais complexas. Entre a biografia, a literatura e a história coabitam limiares tão frágeis que, ora alguns afirmam que aquela é essencialmente um trabalho literário, ora outros já a definem como fundamentalmente histórica.

A biografia provoca um polêmico questionamento à absoluta distinção entre um gênero verdadeiramente literário e uma dimensão puramente científica¹, na qual a História é a representante desta cientificidade, uma vez que ela é a responsável por tratar os fatos do passado com a metodologia necessária para conferir confiabilidade e verificabilidade às informações que o texto evoca. A querela em questão trata, portanto, sobre a possibilidade da utilização de aspectos fictícios, e por isso mais facilmente compreendidos como literários, nas biografias e se, quando eles são utilizados, perde-se a historicidade do relato.

Até mesmo a etimologia da palavra traz à tona essas questões. Registros sobre os feitos de alguns personagens notáveis da antiguidade grega, por exemplo, chegaram até

1 AVELAR, p. 161.

a contemporaneidade pelos escritos de Plutarco, Tácito e Tucídides e alguns outros. Entretanto, o termo “biografia” foi cunhado apenas no século XVII para conceituar descrições realistas das vidas humanas, em contraposição com essas antigas formas de escrita nas quais os personagens eram idealizados e, portanto, não atendiam a uma visão objetiva da produção do conhecimento sobre o passado.²

É bem verdade que a existência ou não dos aspectos ficcionais na biografia e sua consequente classificação como gênero historiográfico é um debate dentro da própria teoria da História e de que como a História entende a si mesma. Quando, por exemplo, o historiador alemão Jörn Rüsen explica que parte do trabalho do historiador é atribuir sentido a eventos do passado através de uma narrativa, ele afirma que a imputação da carga semântica vai além da facticidade do narrado, fazendo com que o historiador precise recorrer à ficção para agregar propriedades estéticas ao seu trabalho. *Como o narrar jamais se satisfaz com uma mera reprodução do acontecido – nem poderia satisfazer-se, em sentido estrito, pois o acontecido nunca pode ser narrado integralmente – ele contém sempre uma dose de ficção*³. Nestes termos, fictícias são as propriedades da narrativa as quais o narrador insere para mediar os fatos do passado trazidos ao presente de forma que elas apresentem sentido⁴.

A fronteira que separa a biografia da história sempre foi, [portanto], bastante imprecisa, atesta a historiadora Sabina Loriga⁵. Não só pela questão entre ficção e realidade, mas também, essencialmente (e o que é a preocupação maior deste trabalho), pelo fato da experiência biográfica deixar em evidência a ação individual, o que é um imenso empecilho para aqueles que enxergam a história como um modelo totalizador da experiência humana no passado.⁶

Sendo assim, quanto mais a história se aproximou das explicações gerais (principalmente com as correntes positivistas, socializantes e cientifzantes do fim do século XVIII e do decorrer do século XIX), mais o uso do método biográfico se tornou

² Ibidem

³ RÜSEN, p. 195.

⁴ Esta é a visão de Jörn Rüsen, historiador alemão, em suas diversas publicações que foram compiladas no livro *“Teoria da História. Uma teoria da história como ciência”*, editado pela UFPR em 2015 e também de Estevão Martins, professor da Universidade de Brasília, que escreveu diversas obras e artigos sobre o mesmo tema, inclusive organizando o livro sobre grandes teóricos da história e suas publicações que estamos utilizando como referência bibliográfica neste trabalho

⁵ LORIGA, p. 225

⁶ AVELAR, op. cit.

obsoleto. Isto porque o indivíduo e os acontecimentos específicos relacionados a sua vida passaram a ser desconsiderados como objetos de análise⁷, pois não permitiam a compilação de leis gerais e verificáveis, o que seria essencial para uma forma de conhecimento controlável e demonstrável.

Esse caminho fez com que, nas palavras de Loriga, “*os historiadores se desviassem das ações e dos sofrimentos dos indivíduos para se dedicarem a descobrir o processo invisível da história universal*”⁸. E nesta direção, na qual o indivíduo foi retirado dos acontecimentos históricos, o passado se tornou cada vez mais sem sentido, porque cada vez mais deserto.⁹

Alguns estudiosos, na contramão deste entendimento, compreenderam que o afastamento daquilo que é individual poderia ser uma armadilha fatal. Até mesmo conhecidos defensores do método científico, como Ernst Bernheim, em seus discursos de propagação do conhecimento controlado¹⁰, demonstraram que o equilíbrio entre o específico (aquilo que diz respeito a apenas um ser) e o geral (que se verifica em vários sujeitos) se faz necessário na História e, portanto, a presença do individual é parte da construção desta narrativa.

A recuperação do aspecto estético no conhecimento histórico, destacado esforço de Thomas Carlyle, foi também outra sinalização de defesa das ações humanas em suas dimensões particulares dentro da História. A estética é a dimensão fluida da narrativa que a distingue dos relatórios de observação em laboratórios, uma vez que a História não se fundamenta em fatos controlados por aquele que a escreve. Portanto, o relato histórico não poderia prescindir dos aspectos humanos, também em suas individualidades, apenas para se tornar científica. Foi por isso que Carlyle preferiu demarcar a história não como opositora da ficção, ou da literatura, mas do esquecimento.¹¹

⁷LORIGA, 1998.

⁸LORIGA, 2011, p. 11.

⁹Sabina Loriga diz que uma história sem indivíduos é como narrar a vida de um deserto, onde as ações humanas não importam porque não existem. Ibidem, p. 13.

¹⁰BERNHEIM, apud MARTINS.

¹¹MARTINS, p. 20.

Nesta mesma direção, Johann Droysen evidenciou que o imponderável, aquilo que não se mensura e não se pode prever¹², é necessário para nos aproximar da compreensão dos eventos passados:

*Seria como se na região dos eventos históricos, isto é, da vida moral, somente o análogo fosse digno de atenção, e não também o anômalo, o individual, o livre-arbítrio, a responsabilidade, o gênio; como se não fosse uma tarefa científica buscar caminhos de pesquisa, de verificação e de compreensão para os movimentos e efeitos da liberdade humana, da singularidade pessoal, não importando o quão pequeno ou grande seja o peso que se ponha nelas.*¹³

Percebe-se então que a biografia sofreu profundas transformações em seu entendimento, escrita, funcionalidade e aplicabilidade na história ao longo do tempo de acordo com a própria idéia que a História construiu de si. Por ser um gênero que transita entre a verdade histórica e a verdade literária, sempre foi difícil estabelecer regras gerais e práticas que a ‘domesticassem’ como uma forma de se produzir cientificamente o conhecimento histórico¹⁴.

Por muito tempo, a biografia passou a integrar a historiografia apenas sugestivamente, ou seja, como uma indicação inicial do problema de pesquisa; ou ilustrativamente, como um exemplo, ou uma figura que comprovava a explicação geral.¹⁵ A partir do século XX, contudo, historiadores como a já citada Sabina Loriga e Jacques Le Goff, aprofundaram as possibilidades de uso do gênero, não limitando as experiências particulares a sugestões ou ilustrações, que no fundo são uma forma de generalizar a experiência individual, mas tentando tornar possível a elucidação das subjetividades como um conhecimento histórico que obedece ao método de investigação de fontes, perpassa a hermenêutica histórica e se finda em uma narrativa verificável. Disse Le Goff: *a biografia histórica nova, sem reduzir as grandes*

¹²O imponderável é chamado por Droysen de pequeno x, um elemento menor na equação das ações humanas no tempo, mas que modifica o resultado final. É por isso que Sabina Loriga chama sua obra de O Pequeno X.

¹³DROYSEN, apud MARTINS, p. 44.

¹⁴LORIGA, 2011, p. 18.

¹⁵AVELAR, op. cit.

*personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as através de suas funções e papéis.*¹⁶

É bem verdade que escrever História por meio de biografias é estar permanentemente ligado ao estudo de fontes que exigem mais da sensibilidade do historiador. Entretanto, quando a ancoragem é devidamente feita pelo contexto, a biografia torna-se um olhar extremamente privilegiado de eventos que marcaram o passado.

Ou seja, não é um método extremamente regrado que encerra o conhecimento histórico. As informações e explicações do passado não se tornam História apenas por serem verificáveis em arquivos. É necessário ainda um enquadramento narrativo que articule, com sentido e significado, o passado ao presente e ao futuro¹⁷. E, isto, as biografias, nos moldes atuais, são capazes de fazer.

O uso das biografias históricas no caso de Martinho Lutero – Oportunidade analítica da importância do indivíduo na narrativa histórica.

No item anterior, foi possível perceber, que apesar de todas as singularidades que as biografias possuem, elas são um gênero possível dentro da História. As mudanças na aceitação da biografia dentro da narrativa histórica acompanham as transformações que a própria História sofreu quanto ao entendimento de si mesma.

A narrativa sobre a vida das grandes figuras e dos notáveis heróis não é uma novidade. Neste sentido, muitos que falam da nova biografia, essa que se aprofunda nas subjetividades, não costumam encaixar os nomes importantes nessa concepção. Pelo contrário, enquanto a antiga forma de se usar a biografia na História deixava sempre evidente a relação entre o particular e o geral, como se as ações da personagem tivessem sempre que ter impacto imediato na história da sociedade, a biografia mais contemporânea, que busca os personagens escondidos e desconhecidos, apresenta o

¹⁶LE GOFF, apud AVELAR.

¹⁷RÜSEN, p. 77

singular como elemento de tensão: *o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado.*¹⁸

Contudo, este trabalho não pretende investigar biografias que abordem personagens desconhecidos, um trabalho que já seria inovador pelo objeto e não tanto pela compreensão teórica do indivíduo na história. Nosso grande desafio, no entanto, é procurar entender como as obras biográficas escritas pelos historiadores da contemporaneidade, a partir dessas compreensões atualizadas, fazem para trabalhar o nome de figuras marcantes, outrora narradas de forma idealizada e não referenciadas em seus contextos históricos específicos. Mais especificamente queremos aderir a esta problemática a partir da figura de Martinho Lutero.

O primeiro passo nesta direção é compreender que, apesar de muitas histórias contadas sobre Lutero o colocarem no patamar de uma figura atemporal, no moldes dos heróis gregos antigos, irreprensíveis e com uma vida moral exemplar, ele existiu dentro do seu tempo e foi por ele marcado. Desta forma, é possível estudá-lo como elemento de tensão. As grandes figuras fizeram parte da história e optar por esquecê-las, apenas porque outrora foram apresentados de forma profética, não foi a solução que os biógrafos historiadores de nosso tempo tomaram. Pelo contrário, eles partiram do pressuposto que a particularidade da História, como um campo do conhecimento, reside na mistura do histórico e do literário, do biográfico e do literal, do histórico e do mítico¹⁹, e de que o estudo desses homens não deixa de fazer sentido, desde que localizados dentro de seu tempo, de suas limitações, de suas derrotas e conquistas.

Na verdade, revisitar grandes figuras é uma possibilidade de entendermos como os discursos foram montados e apresentar uma versão histórica da mesma personagem sem a contarmos como uma trajetória retilínea em direção a um determinado fim²⁰, mas como uma prosa épico-moderna²¹ que mostre uma nova forma de biografar aquele velho e fadado objeto em suas dimensões mais íntimas.

A proposta, portanto, é investigar como a figura de Lutero aparece representada nessas novas biografias, aproveitando que os 500 anos da divulgação das 95 teses na

¹⁸LORIGA, 1998, p. 249.

¹⁹CARLYLE, apud MARTINS.

²⁰AVELAR, op. cit.

²¹CARLYLE, apud MARTINS.

Universidade de Wittemberg, em 2017, disponibilizaram aos historiadores grande chance de revisar a historiografia²², ensejando um balanço da importância da figura humana individual na ação histórica e de como ela está referenciada no contexto. É uma possibilidade de verificar como os sujeitos estão sendo trabalhados pela história, a partir de quais referências, em que medida eles se integram a seu contexto e buscando qual sentido.

Para se ter noção como a figura de Lutero enseja a pesquisa da individualidade na ação histórica e como o aniversário da Reforma potencializou as publicações, mais de 10 trabalhos biográficos escritos por historiadores sobre o reformador, apenas em língua inglesa, foram publicados entre Maio de 2016 e Outubro de 2017²³.

Em língua portuguesa, os estudos neste sentido são bem mais modestos, com destaque para um dossiê organizado pela revista Horizonte, em 2016, número 44, que selecionou uma série de artigos sobre Lutero e os 500 anos de reforma. Livros, contudo, não foram publicados nem traduzidos para o português com essa contenda.

Analisar historiograficamente as biografias produzidas sobre Martinho Lutero na cercania dos 500 anos das publicações em Wittemberg é uma oportunidade de trabalhar a problemática teórica entre indivíduo e contexto em trabalhos extremamente atuais.

Os estudos de caso – Obras escolhidas para análise e motivos para a decisão.

Ainda em 1830, Thomas Carlyle dizia que *a vida social é o ajuntamento de todas as vidas dos homens que constituem a sociedade; a História é a essência de inúmeras biografias*²⁴. A explanação do historiador afirmava que a narrativa histórica da sociedade perpassava necessariamente pelas descrições das histórias particulares. Neste trabalho, procuraremos analisar como, no século XXI, alguns historiadores associam a individualidade ao contexto.

²² O historiador Andrew Pettegree afirmou em uma coluna para o jornal americano “the New York Times” em 14 de Maio de 2017, o mesmo citado nessa frase.

²³ Dentre eles podemos citar os professores universitários Peter Marshall, Scott H. Hendrix, Andrew Pettegree, Brad Stephan Gregory, Craig Harline e Jams W. Kittleson., além de Lyndal Roper e Heinz Schilling que terão suas obras detalhadas nesse trabalho.

²⁴CARLYLE, apud MARTINS.

Material para realizar uma investigação de como a figura individual vem sendo requisitada pela narrativa historiográfica atual, através do gênero biográfico, não falta, como inclusive, já citamos.

Entretanto, analisar todas essas produções não seria viável de ser feito por um trabalho inicial, como este pretende ser, em menos de um ano. Desta forma, precisamos definir um recorte de análise. Até porque a avaliação sobre como a figura humana aparece em uma única biografia já seria válida para levantarmos traços de como a o “herói” pode estar historicamente situado e como o Luteranismo pode aparecer em uma perspectiva social e histórica.

Optamos, portanto, por analisar duas dessas muitas biografias que foram produzidas, a saber, os trabalhos da historiadora australiana e professora de História Moderna na Universidade de Oxford, Lyndal Roper, cuja parte da obra desfrutamos logo no início desse trabalho, e também as pesquisas do professor e historiador alemão, Heinz Schilling, que também é especializado em História Moderna Europeia.

As escolhas foram feitas antes da leitura dos livros, principalmente pela importância que esses dois nomes possuem frente à comunidade acadêmica e em especial nos estudos sobre História Moderna e Reforma. Seus nomes são reconhecidos pelos mais diversos estudiosos da área. Além disso, o fato de cada autor escrevera partir de uma tradição histórica distinta, fortemente marcada pela região de produção, a saber, a tradição anglo-saxônica com a perspectiva insular inglesa, da qual Roper faz parte, e a tradição germânica continental representada por Schilling, instigou-nos a pensar se tais distinções geográficas poderiam influenciar suas formas de considerar o indivíduo.

Ainda é interessante notar que a professora Lyndal Roper cita diretamente o trabalho do professor Heinz Schilling como um dos únicos capazes de avaliar Lutero em uma perspectiva historicamente referenciada, através de uma análise histórica e cultural²⁵.

²⁵ ROPER, p. XXX.

Reforçamos que outras biografias poderiam ser utilizadas na análise, mas que o resultado para o que fora proposto poderia ser plenamente alcançado a partir dessas duas escolhas.

Para questões de familiarização com as obras trabalhadas, logo abaixo seguem especificações sobre elas e sobre os autores.

Lyndal Roper nasceu em Melbourne, na Austrália, em 28 de maio de 1956, mesma cidade na qual se graduou em História com Filosofia no ano de 1977. Aos 21 anos, Roper recebeu uma bolsa para estudar na Universidade de Tübingen na Alemanha, onde desenvolveu alguns trabalhos sobre a reforma alemã. Continuou seus estudos na Universidade de Londres, onde completou seu doutorado e atuou como professora. Atualmente, é membro do quadro docente do Oriel College, de Oxford, ocupando uma das cadeiras régias em História da Universidade, sagrando-se a primeira mulher e australiana a conseguir esta honraria. Além do já citado interesse em reforma alemã, os trabalhos da historiadora gravitam entre temas de história social e cultural dos séculos XVI e XVII, história do gênero e história da feitiçaria²⁶.

O livro *“Martin Luther, renegade and prophet”* foi o último publicado pela autora em 2016, fruto de um trabalho, conforme seus próprios relatos, de mais de 10 anos. A obra argumenta como a rebelião de Lutero contra a autoridade da Igreja ajudou a criar o mundo moderno, sem por isso deixar de apresentá-lo como um personagem que possui fragilidades, contradições e inseguranças²⁷. Em coluna escrita no jornal *“The New York Times”*, outro renomado historiador dos primeiros anos da era moderna, Andrew Pettegree, afirma que sem dúvidas trata-se de um dos melhores e mais substanciais trabalhos produzidos para o aniversário de 500 anos da reforma²⁸.

O historiador Heinz Schilling nasceu em 1946, na cidade alemã de Bergneustadt, mas cresceu na cidade de Colônia onde se graduou em História, Alemão, Filosofia, Sociologia e habilitou-se como professor. Doutorou-se em 1971 na Universidade de Freiburg e iniciou uma vida docente que perpassou as Universidades de Bielfeld,

²⁶ Informações retiradas dos sites do Oriel College, da Universidade de Oxford e do acervo de informações do site womenaustralia.info.

²⁷ Referências no site da Oxford.

²⁸ PETTEGREE, 2016.

Osnabrück, Giessen e findou na Humboldt, Universidade de Berlim, na qual ocupou a cadeira de história moderna europeia até 2010, quando se aposentou²⁹.

Sua obra “*Martin Luther, rebel in na age of upheaval*” foi inicialmente escrita em alemão e publicada ainda em 2013. Em 2017, a Oxford University Press publicou o livro, que fora traduzido por Rona Jhonston, acompanhando as comemorações dos 500 anos da Reforma. Conforme cita o site da editora, trata-se de uma compreensiva e balanceada biografia de Martinho Lutero que traz aspectos sociais e políticos dos primeiros anos da modernidade para apresentá-lo como um difícil e contraditório indivíduo que mudou a história. Tem como foco os anos que antecedem a dieta de Worms, exatamente por ser o período mais negligenciado pelos historiadores³⁰.

Estrutura do trabalho frente ao problema de pesquisa.

Após esta explanação de como o gênero biográfico pode ser utilizado pela história para construção de narrativas que, unindo aspectos individuais e contextuais, concedam sentido ao problema histórico levantado e usando das publicações que eclodiram com os 500 anos da reforma, em uma grande oportunidade de verificar as produções biográficas atuais, passaremos efetivamente para a análise das obras.

No primeiro capítulo apresentaremos como os aspectos individuais são levantados pelos historiadores, trazendo à tona perspectivas valorativas e depreciativas da personagem estudada, a partir de descrições que, à primeira vista, não se relacionam com o contexto. No segundo capítulo, elucidaremos as representações que os biógrafos fazem dos aspectos exteriores a Lutero, revelando como a sociedade em que ele vivia aparece descrita na narrativa. Trata-se de um esforço interpretativo de análise que se funda no desafio de separar aquilo que os autores entendem como aspectos que se completam para que possamos observar mais claramente como as biografias usam esses elementos para formar a narrativa histórica. Na conclusão, voltaremos a unir esses aspectos, mostrando como os biógrafos os relacionaram e explicaram, quais são seus pontos de aproximação e separação e quais problemáticas mais atuais os historiadores

²⁹ Informações disponíveis no site pessoal em alemão: http://heinzschilling.de/02_biografie.html

³⁰ Disponível em: <https://global.oup.com/academic/product/martin-luther-9780198722816?cc=us&lang=en&>

conseguiram abordar a partir da junção daquilo que é individual com aquilo que é contextual.

Capítulo 1 – A individualidade de Martinho Lutero.

Para iniciar a análise da expressão biográfica de Lutero nas obras selecionadas, começaremos pela identificação de aspectos que caracterizam a sua vida enquanto indivíduo. Ou seja, destacar-se-ão as formas como a pessoa aparece representada, com foco em suas experiências e vivências que não dependem essencialmente da caracterização do contexto. Não que seja possível considerar o ser historicamente desligado daquilo que o cerca e, obviamente os biógrafos não fizeram essa separação, mas o objetivo desta seção é tentar filtrar e focar em aspectos da sua individualidade e das suas experiências para podermos melhor compreender como a intersecção entre o indivíduo e o contexto se tornam possíveis em trabalhos de biografia histórica.

Diversas esferas de análise podem ser utilizadas na caracterização do indivíduo. Questões intrínsecas à pessoa, como aspectos físicos, biológicos e emocionais unem-se a aspectos relacionais (conexão com outros indivíduos)³¹ para revelar experiências formativas da sua personalidade.

É também importante ponderar quais documentos fundamentam a apresentação desses aspectos individuais. O local de onde se retiram as perspectivas valorativas e depreciativas da pessoa, seja a partir da auto-descrição, dos relatos de outrem sobre a figura, ou ainda de outros documentos, que não tem como princípio caracterizar uma personagem, mas que nos deixam vestígios sobre sua ação no tempo, nos ajudam a entender a existência do indivíduo na história.

Para realizar esta apresentação, este capítulo se dividirá em 2 subseções, a saber, a apresentação da tipologia de documentos utilizados na caracterização do indivíduo e, em seguida, o detalhamento dos elementos constitutivos do personagem.

1.1 Documentação basilar – Fontes e bibliografia

Tanto Lyndal Roper como Heinz Schilling se valem de diferentes tipologias documentais para construir sua narrativa. Neste caso específico, apesar das centenas de anos que se passaram, não se sofre com a ausência de documentos. A historiadora

³¹ Levar-se-ão em conta as relações de Lutero com outras pessoas e não com o mundo que o cerca. Por exemplo, serão levantadas características da relação entre Lutero e seu pai, sem trazer à tona, neste primeiro momento, as caracterizações da sociedade de Mansfeld como economia e política.

australiana, inclusive, chega a afirmar que a abundância de fontes sobre Lutero o torna um dos homens mais conhecidos e proeminentes do seu tempo³².

Lutero produziu muitas obras e se valeu da inovação da imprensa, que se lançava como uma das grandes novidades desde o fim do século XV, para propagá-las³³. Além disso, diversas correspondências que trocou com autoridades, aliados, familiares e inimigos chegaram até os nossos tempos. Muitos dos seus sermões e exposições domésticas também se preservaram através dos escritos de seguidores do protestantismo. Descobertas arqueológicas³⁴ ainda trouxeram novas informações sobre os primeiros anos da vida do biografado.

As tipologias documentais descritas acima aparecem nos trabalhos de Heinz Schilling e Lyndal Roper. É bem verdade que os focos diferentes de seus trabalhos (ela com uma caracterização mais interior de Lutero e ele com uma narração que procura equilibrar aspectos internos e externos) também trazem importâncias diversas para cada tipo de fonte. Aprofundando-se nas transformações emocionais³⁵, Roper utiliza como base de sua obra as correspondências que Lutero escreveu. Schilling já faz uma apresentação mais focada nos sermões e tratados escritos pelo reformador e nas documentações políticas e descobertas arqueológicas que permitem um detalhamento melhor da vida no Sacro Império no século XVI.

Como consequência, percebemos que a obra de Roper é muito mais detalhista nas questões individuais e que sua caracterização do contexto muitas vezes é apresentada apenas para elucidar algum ponto diretamente associado à vida de Lutero. Schilling, já parte de uma descrição contextual mais ampla para então chegar a aspectos da individualidade do biografado.

Os dois autores complementam suas fundamentações através de revisões historiográficas e estudam outras biografias já escritas³⁶ sobre Lutero para escreverem suas obras.

³² ROPER, p. XXVII.

³³ ROPER, p. 132.

³⁴ Schilling não especifica quais seriam estas descobertas, apenas as cita no capítulo sobre a infância de Lutero. P. 39.

³⁵ A própria autora afirma que esse é seu objetivo. P. XXVI.

³⁶ As primeiras biografias sobre Lutero escritas por Friedrich Myconius e Phillip Melanchthon são citadas pelas duas obras analisadas.

Por fim, é interessante perceber que os autores utilizam as mesmas fontes para caracterizar a individualidade do personagem bem como o contexto em que ele estava inserido. Isto demonstra que, muitas vezes, é impossível documentalmente promover narrativas sobre o indivíduo sem o ancorá-lo naquilo que o cerca.

1.2 Elementos constitutivos do personagem.

É da essência das biografias que seus objetos de estudo sejam caracterizados individualmente e apareçam em uma dimensão singular dos demais personagens que surjam na narrativa. Não seria uma biografia sobre Lutero se elementos que o constituem, como aspectos físicos, psicológicos e históricos (nesse caso em um sentido mais estrito que diz respeito à experiência vivida) não fossem levantados. Essas caracterizações estão imbricadas e inseridas no fluxo narrativo de forma que a separação de análise proposta aqui se fez apenas como recurso metódico e não se reflete nos escritos nem de Roper, nem de Schilling.

Os elementos constitutivos estão divididos em 4 seções. São elas: aspectos físicos, aspectos psicológicos, aspectos relacionais e aspectos históricos.

1.2.1 Aspectos físicos

Pouco sobre as características físicas de Lutero aparece nas duas obras. Textualmente, não se revelam aspectos sobre estatura, cor de pele e cor dos olhos, por exemplo. Essas percepções aparecem apenas nas imagens que os livros distribuem ao longo de suas páginas. Esses retratos, inclusive, não estão presentes primordialmente para este fim. Em ambos os livros as imagens são exemplares da forma de divulgação da Reforma e como a figura de Lutero apareceria atrelada ao movimento.

Nenhuma citação direta sobre o físico de Lutero aparece nas páginas da biografia de Lyndal Roper. Heinz Schilling faz breves e raras citações nesse sentido. Ao citar a longa viagem que Lutero realizou para Roma entre 1520 e 1521 a serviço da ordem agostiniana, o autor sugere que seu tipo físico deveria ser forte o suficiente para suportar a longa jornada³⁷. Durante a citação do confinamento em Wartburg, logo após

³⁷ SCHILLING, p. 80.

o banimento pelo Edito de Worms, o historiador alemão cita alguns problemas digestivos que o reformador sofria³⁸.

Tirando estas poucas citações, não se verificam mais citações diretas no sentido de caracterizar fisicamente a personagem. Uma sugestão para justificar esta característica da obra é que a opção dos autores em produzir uma biografia que historiciza o personagem, não considera os elementos físicos como essenciais nessa direção. Em outras palavras, o conhecimento dos aspectos físicos não é fundamental para o entendimento do personagem em sua época.

1.2.2 Aspectos psicológicos.

Diferentemente dos aspectos físicos, os psicológicos aparecem em destaque nas duas biografias analisadas. É bem verdade que a historiadora de Oxford privilegia esses aspectos em sua análise e, por isso, esta tipologia de referência em sua obra é mais vasta em comparação a de Schilling, mas nem por isto ele deixa de fazer uso desses aspectos para marcar o biografado.

Uma das características mais levantadas diz respeito a certa arrogância apresentada por Martinho Lutero em seus escritos³⁹. Além disso, algumas vezes, seus oponentes, principalmente os que outrora foram seus aliados, o acusavam de uma confiança exacerbada em si mesmo, nas suas qualidades, o que por vezes se manifestava no desprezo àqueles que pensavam diferente de si. Em geral, seus inimigos são descritos pelo reformador como possuídos pelo demônio e trabalhadores das forças das trevas⁴⁰.

Algumas vezes, esta mesma arrogância aparece assinalada como obstinação. Ou seja, não há necessariamente uma visão negativa desta característica, apenas uma assertiva de que ela estava presente na personalidade do biografado. Segundo Roper, a coragem em seguir seus pensamentos com determinada teimosia seria chave marcante para a compreensão dos eventos da Reforma. Diz a autora: *“It was his remarkable courage and sense of purpose that created the Reformation, and it was his stubbornness and capacity to demonize his opposites that nearly destroyed it.”*⁴¹ Sua capacidade de

³⁸ SCHILLING, p. 211.

³⁹ Lyndal Roper afirma que na carta que Lutero enviou ao Arcebispo de Mainz para apresentar suas 95 teses Lutero usou de tom arrogante: *“The accompanying letter had a tone of remarkable self-confidence, even of arrogance.”* (ROPER, p. XVIII)

⁴⁰ O mais eminente exemplo desta postura é a nomeação do papa como o Anti-Cristo.

⁴¹ ROPER, p. XXVI.

liderança seria mais uma manifestação desta convicta resolução de sua superioridade intelectual⁴².

É também nesta direção que Schilling marca a forte personalidade de Lutero como responsável por sustentar o reformador diante das animosidades, hostilidades e críticas que teve que suportar em diversos momentos de sua vida. O autor diz ainda que, mais que suportar, as adversidades eram combustível para sua ação.⁴³

O historiador alemão afirma que a facilidade e o gosto que Lutero tinha pela polêmica, presente em muitos de seus panfletos produzidos para denegrir seus oponentes, estavam ancorados na certeza que ele tinha de sua missão profética no mundo, o que seria justificativa para sua marcante autoconfiança.⁴⁴

Além do caráter profético de sua existência, a visão pessimista da natureza humana é outro ponto que Lutero levanta para justificar sua confiança em seu trabalho e que Lyndal Roper apresenta em sua obra. Segundo ela, Lutero afirmava que por natureza o homem é um ser incapaz de amar o bem comum mais do que ama a si mesmo e que somente alguém imbuído da missão divina estaria no correto caminho de transformação dos erros da sociedade.⁴⁵

Os historiadores da Reforma são quase unânimes em dizer que os pensamentos de Lutero maturaram-se ao longo dos anos e que foi exatamente no combate com seus oponentes que ele pôde formar sua teologia. A luta com vigor por aquilo que acreditava, reflexo de sua personalidade forte, foi marca constante na vida do ex-monge agostiniano⁴⁶. Conforme Roper, as diversas disputas na vida de Lutero o forjaram firme, mas também o impediram de apreciar a visão de outros⁴⁷.

A já citada visão pessimista da humanidade é outro aspecto psicológico que marca a caracterização deste personagem. Schilling demonstra tal fato ao citar parte da vida de Lutero enquanto monge agostiniano. O ato de confessar durante horas buscando a satisfação de seus pecados, que não encontrava em orações, vigílias, solenidades e

⁴² ROPER, p. 80.

⁴³ SCHILLING, p. 47.

⁴⁴ SCHILLING, p. 141.

⁴⁵ ROPER, p. 82.

⁴⁶ A negativa de retratação de suas teses, nas dietas de Augsburgo em 1518, no debate de Leipzig em 1519, perante a Bula “*Exsurge Domine*” de 1520 e durante a dieta de Worms na qual proferiu a famosa frase “*I cannot do otherwise, here I stand, may God help me*” são exemplos da postura decidida frente à oposição.

⁴⁷ ROPER, p. 304.

mortificações diversas, remete-nos ao pavor que o religioso tinha da hora da salvação. Nada que fazia era suficiente, sempre a sombra do pior devir o acompanhava⁴⁸. Nas palavras do biógrafo alemão, Lutero acreditava que sua vida era uma batalha escatológica, na qual precisava se defender a todo tempo das maquinações do demônio⁴⁹.

Outros aspectos psicológicos levantados pelos autores têm relação mais direta com a questão acadêmica e religiosa e serão tratados nestas seções. Mas, em suma, são estas caracterizações que os autores utilizam para definir o íntimo de Lutero. É claro que a complexidade de um ser humano é muito mais vasta que essas breves considerações, mas, mais uma vez, relembro que qualquer aspecto levantado pelos dois biógrafos estudados sempre vai estar relacionado com os eventos que o cercam e, por isso, outras características da intimidade de Martinho Lutero não aparecem tão marcadas. Também é bom citar que essas características são aquelas que, apesar de internas, puderam se manifestar externamente nas fontes que tivemos acesso.

1.2.3 Aspectos relacionais.

Nesta parte, o trabalho propõe-se a mostrar como Lutero é definido a partir do seu relacionamento com outras pessoas. Ao descreverem a relação que ele tinha com seus familiares, amigos e inimigos, os biógrafos fazem algumas caracterizações de sua individualidade, sinal de que a compreensão de uma pessoa não pode prescindir daquilo que lhe é externo. Esta parte não se destina, entretanto, a traçar aspectos da sociedade, o que é função do próximo capítulo, mas se foca na individualidade do reformador enquanto ser social.

Para Roper, a relação que Lutero desenvolveu com seu pai foi fundamental para construção de sua personalidade e religiosidade⁵⁰. Desde a visão que ele tinha da figura de Deus Pai como um Deus severo até a facilidade para gerenciar e organizar pessoas, a historiadora credita aos anos de convivência com o pai⁵¹. Desta mesma fonte, o reformador teria aprendido a importância da criação de redes de relacionamento para

⁴⁸ SCHILLING, pp. 69-71.

⁴⁹ SCHILLING, p. 173

⁵⁰ ROPER, p. XXVI

⁵¹ ROPER, pp. 45 – 47.

manutenção da liderança, uma habilidade que Roper destaca como essencial para que a Reforma fosse possível⁵².

Boa parte da obra da autora se explica a partir desta relação entre pai e filho. Chave crucial para o entendimento de Lutero seria esta conexão. Citando o também biógrafo, Erik Erikson, Lyndal Roper afirma que foi a partir da aversão à autoridade paternal, consequência do difícil relacionamento com o pai, que o ex-monge baseou suas críticas ao Papa e ao Imperador, elementos fundamentais de sua teologia⁵³. Talvez o auge da demonstração de repúdio ao pai tenha sido a entrada no Monastério, ato que acabou com os planos que Hans Luder tinha traçado para o filho⁵⁴.

Schilling não compartilha desta visão. Apesar de observar, assim como Roper, que a relação entre pai e filho era ríspida, o alemão afirma que este era um tipo de relacionamento paternal comum entre os contemporâneos de Lutero e que uma possível derivação da imagem de Deus como juiz sem misericórdia, a partir da imagem de seu pai punitivo, torna-se menos possível ainda quando posta em comparação com a vida de outros reformadores de seu tempo. Heinz Schilling quer dizer que nem todos estes homens, que fizeram críticas semelhantes à construção da figura do Deus medieval, tiveram as mesmas relações com seus pais e que outros, que experimentaram o mesmo tipo de subordinação filial, não compartilharam do mesmo posicionamento⁵⁵. Além disso, o autor afirma que os registros da experiência de Lutero com o progenitor não nos deixa indícios de uma patologia obsessiva por destruir qualquer autoridade vigente, todavia, ajuda-nos a identificar atributos que dariam a Lutero uma personalidade distinta⁵⁶.

Esta questão anunciada acima, que demonstra distinções nas interpretações dos historiadores acerca de uma mesma proposição histórica, evidencia que a característica narrativa da História ultrapassa a facticidade, pois o processo de configuração de sentido depende dos aspectos ficcionais, cuja teoria elencamos na introdução através da exposição do pensamento de Rüsen. A subjetividade do historiador se manifesta nessas ocorrências textuais que ultrapassam o fato, sem por isso tornarem as proposições

⁵² ROPER, p. 19.

⁵³ ROPER, pp. 35 – 36.

⁵⁴ ROPER, p. 34.

⁵⁵ SCHILLING, PP. 46 – 47.

⁵⁶ Os atributos psicológicos citados anteriormente, como a coragem e a auto-confiança seriam esses atributos herdados da relação com o pai.

impossíveis de serem analisadas por outras pessoas, por não perderem seu lastro metodológico cuja base é a fonte documental.

Quando tratam do relacionamento maternal, os autores voltam a se aproximar. Coube à mãe a responsabilidade de gerenciamento da casa da família, o que explicaria sua dominante influência sobre as experiências cotidianas das crianças, como a apresentação da espiritualidade⁵⁷. Roper enfatiza esta influência na religiosidade afirmando que partiu primordialmente da mãe o impulso para a vocação do filho⁵⁸.

Desenvolvendo o poder de criar redes de relacionamento, Roper afirma que Lutero tinha facilidade de atrair pessoas para seu lado, principalmente aqueles que eram bem mais jovens, como Johannes Agricola e Philip Melanchthon⁵⁹. Essas bases de apoiadores, constata os dois historiadores, seria sua proteção nos momentos de maior fragilidade perante seus inimigos⁶⁰. Mas com a mesma disposição com a qual fazia aliados, Lutero era capaz de afastá-los quando se mostrava insatisfeito com seus posicionamentos, em especial quando eram divergentes dos seus próprios⁶¹. Thomas Müntzer, um dos mais conhecidos adversários da reforma nos moldes Luteranos chegou a conviver com Lutero por algum tempo em Wittenberg antes de desenvolver na cidade de Zwickau uma concepção mais radical de transformação da sociedade e se tornar um dos mais odiados oponentes de Martinho⁶².

Acreditando que a interpretação de Lutero é muito mais eficaz quando construída a partir dos seus relacionamentos, a historiadora australiana de Oxford aposta nessas análises durante capítulos inteiros de seu trabalho⁶³. Sobre seu contato com Karlstadt, um dos seus primeiros apoiadores, por exemplo, Lyndal Roper reserva boa parte da obra para tal exposição. Segundo ela, os pensamentos de um influenciaram largamente os do outro⁶⁴ e durante muito tempo Karlstadt era visto por Lutero como seu braço direito⁶⁵. Contudo, quando o primeiro marcou sua teologia com a retirada da

⁵⁷ SCHILLING, p. 42.

⁵⁸ ROPER, p. 24.

⁵⁹ ROPER, p. 359.

⁶⁰ ROPER, p. 354 e SCHILLING, p. 104.

⁶¹ ROPER, p. 359.

⁶² ROPER, p. 237.

⁶³ Alguns capítulos como “Karlstadt and the Christian city of Wittenberg” e “Hatreds” são inteiramente dedicados ao relacionamento de Lutero com aqueles que o cercam. Além disso, capítulos reservados a tratar a estadia em Wartburg, por exemplo, marcam bastante a capacidade de Lutero de confiar e demonizar as mesmas pessoas, dependendo do curso dos acontecimentos.

⁶⁴ ROPER, p. 210.

⁶⁵ ROPER, p. 206.

presença real de Cristo no sacramento da Comunhão, as diferenças e ataques entre os dois se tornaram cada vez mais acentuados. Roper diz que a história da relação entre eles explica não só algumas chaves psicológicas e emocionais das parcerias na vida de Lutero, como também ajuda a entender a Reforma como um todo⁶⁶.

No livro de Schilling, outra importante ligação é exibida. Entre Lutero e o secretário geral do príncipe eleitor da Saxônia, Georg Spalatin. A comunicação próxima entre eles possibilitou que os ensinamentos luteranos adentrassem a corte do governante e os interesses se estreitassem⁶⁷. Este seria apenas um, dentre os diversos exemplos de amizades construídas com membros de fora da vida monástica⁶⁸, demonstrando que a vida de Lutero, mesmo enquanto religioso, não era solitária e restrita ao monastério e que se alargava, em grande parte, devido à Universidade⁶⁹.

Sobre os períodos mais tardios de sua vida, algum destaque sobre sua posição de esposo e pai é também cabível. Schilling descreve Lutero como um membro de família atencioso e carinhoso, que muito sofrera com as mortes prematuras de duas de suas filhas e que vivia em proximidade com aqueles que tiveram um tempo maior de vida⁷⁰.

Ambas as biografias apresentam muitos outros personagens que passaram pela vida de Lutero, e em outros momentos deste trabalho estas relações voltarão a aparecer, mas no que concerne à um traço descritivo de sua individualidade em convívio com os demais, os pontos já apresentados aqui são significativos.

1.2.4 Aspectos históricos

Esta parte é um esforço hermenêutico deste trabalho de tentar elencar construções da individualidade de Lutero a partir das experiências pelas quais ele passou. Comum aos trabalhos biográficos é que datas simbólicas da vida do objeto de estudo sejam apresentadas como marcos da construção narrativa e, apesar de não exibirem as informações em uma linearidade direta, os dois autores estudados acabam por nortear seus trabalhos também desta forma.

⁶⁶ ROPER, p. 206.

⁶⁷ SCHILLING, p. 107

⁶⁸ SCHILLING, p. 108.

⁶⁹ Cabe aqui uma colocação mais contextual, apenas para entender como era possível um monge ter tantos laços extra-monastério: as relações desenvolvidas por Lutero em Wittemberg foram possíveis não só pelo ambiente Universitário da cidade, mas também por causa da corte. SCHILLING, p. 113

⁷⁰ SCHILLING, pp. 290 – 291.

A informação sobre o ano de nascimento do reformador aparece apenas no trabalho de Schilling e, mesmo assim, como controvérsia, uma vez que não se tem a exatidão quanto à data. Melanchthon, um dos colaboradores e primeiros biógrafos de Lutero, teria sugerido como resposta o ano de 1483. Como o registro do dia de nascimento não era comum para seus contemporâneos, cabia à data do Batismo, em 11 de Novembro, a dimensão ritualística de entrada na sociedade. O santo comemorado neste dia, inclusive, deu nome à criança que recebia o sacramento: São Martinho de Tours⁷¹.

Muitos dos relatos feitos pelo historiador alemão são baseados em descobertas arqueológicas sobre a vida em Mansfeld, cidade natal de Lutero. Afirma o autor que, durante muito tempo, houve na História abundância de informações sobre a vida tardia do reformador, mas que seus primeiros anos permanecem ainda bem sombrios⁷². Muito dessa ausência de conhecimentos, da parte de Lutero, inclusive, não é *“fruto de um lapso de memória, mas de um desejo de se auto-representar por indivíduos que se acham protagonistas de sua história”*.⁷³

Roper e Schilling lembram que a infância de Lutero foi vivida em uma área de mineração⁷⁴. Ambos fazem questão de destacar essa informação em contraposição à afirmação do próprio reformador, em alguns de seus escritos, de que seria filho de camponeses. Os autores preferem fazer esta distinção, primeiramente, porque creditam a afirmação de Lutero a um interesse político de se posicionar como entendedor das causas camponesas durante a guerra que eles empreenderam a partir de 1524, inspirados pelos escritos luteranos. Segundamente, porque as características da vida mineradora, que era diferente da vida camponesa, são evocadas para demarcar seu contexto.

A historiadora australiana afirma que a família Luder⁷⁵ vivia bem e que os negócios nas minas durante a infância de Martinho foram bastante proveitosos. *This was certainly a family who liked their food, enjoyed the pleasures of life and did not have to*

⁷¹ SCHILLING, pp. 9 – 10.

⁷² SCHILLING, p. 39.

⁷³ SCHILLING, p. 39.

⁷⁴ ROPER, p. 4 e SCHILLING, p. 39.

⁷⁵ O sobrenome “Luder” é a verdadeira origem genealógica de Martinho. A mudança para o nome “Luther”, que em português se traduz para Lutero, foi uma decisão do reformador, logo após a publicação e expansão das 95 teses. O reformador mudou o nome de seu pai para a versão grega “Eleutherios” que mais tarde seria simplificada para o epíteto que o gravou na história. A informação aparece nos relatos de Roper e Schilling. ROPER, p. 86 e SCHILLING, p. 139

*watch the pennies*⁷⁶. Bem semelhantes são os relatos do biógrafo alemão. Ele profere que a família vivia em uma propriedade vasta, com construções elegantes e com uma grande horta⁷⁷.

Ambos os autores destacam que, para prosseguir no estudos, Lutero precisou deixar a cidade de Mansfeld e seguir para Magdeburg no ano de 1497⁷⁸. Porém, menos de um ano depois se mudou para Eisenach, cidade de sua família materna, onde completou os estudos pré-universitários.⁷⁹ Apesar de ter passado por várias cidades ao longo dos anos, Roper afirma que os hábitos de Lutero foram sempre paroquiais, ou seja, poucas vezes ele se ausentou das cidades nas quais fixava residência (ou do raio de influência e comunicação entre elas)⁸⁰. A viagem feita à Roma, segundo os dados da historiadora, foi a mais longa empreendida por Lutero durante toda sua vida⁸¹. Outro exemplo nesta direção, dado por Schilling, é que mesmo a experiência em grandes cidades foi reduzida ao tempo em que viveu em Erfurt, desconsiderando a curta passagem em Magdeburg⁸². Schilling elucida que mesmo que dissesse pretender uma reforma universal na Igreja, até a sua morte, Lutero entendeu o mundo apenas dentro do continente europeu, com pouco engajamento com outras terras⁸³.

O biógrafo alemão vai descrevendo a vida Universitária de Lutero com foco para a experiência na Universidade de Erfurt, na qual entrou em 1501 para estudar jurisprudência⁸⁴. Lá, segundo Schilling, o futuro reformador teria acessado um mundo intelectual e político diferente do que estava acostumado⁸⁵, como, por exemplo, ao cursar filosofia segundo a via moderna⁸⁶, na qual o nominalismo de Guilherme de Ockham tinha grande proeminência.

⁷⁶ ROPER, pp 7 – 8.

⁷⁷ SCHILLING, p. 42.

⁷⁸ ROPER, p. 21.

⁷⁹ ROPER, p. 23.

⁸⁰ ROPER, p. XXII.

⁸¹ ROPER, p. 48.

⁸² SCHILLING, p. 51.

⁸³ SCHILLING, p. 12.

⁸⁴ ROPER, p. 31.

⁸⁵ SCHILLING, p. 51.

⁸⁶ Em contraposição a ‘via antiqua’, a via moderna privilegia a experiência direta e rejeita a especulação. ROPER, p. 32.

Durante a vida universitária, experimentou três incidentes⁸⁷ que, nas palavras de Roper, mudariam sua vida para sempre. Schilling faz questão de destacar que os detalhes desses eventos só chegaram até nós por relatos do próprio Lutero feitos anos depois do ocorrido, com uma interpretação considerada já moldada pelo Protestantismo⁸⁸. Esses eventos, segundo ambos os autores, proporcionaram a Lutero experiências diretas com a morte, algo que o marcou profundamente visto a preocupação que tinha com a salvação eterna e com os meios de consegui-la⁸⁹.

Apesar da narrativa de Roper apresentar com mais drama o medo experimentado por Lutero frente à morte, tanto ela como Schilling apresentam estes eventos como forma de entender o fato de Lutero abandonar os estudos de jurisprudência e ingressar na ordem dos Agostinianos de Erfurt em 1505⁹⁰. No monastério, ele viveu como simples monge até 1507, quando também foi ordenado padre. Este período de 2 anos, segundo os autores, serviu para demonstrar suas habilidades e ganhar o reconhecimento do vigário geral da ordem, Johannes von Staupitz, que o condecorou com a permissão para o sacerdócio⁹¹.

Imediatamente após a ordenação, Lutero iniciou seus estudos em teologia, exercendo muitas vezes a dupla função de estudante e professor. Mas foi efetivamente em Wittemberg, em 1509, que Lutero desenvolveu seu trabalho acadêmico, recebendo seu doutorado em 1512⁹². Em 1517, na data que ficou famosa como marco da Reforma Protestante, Lutero teria publicado suas 95 teses, a partir das quais iniciou-se um movimento em que a vida do reformador se tornaria a própria vida da Reforma.

No capítulo que se segue, alguns pontos trazidos pelos biógrafos que fazem referência ao contexto do Sacro Império Romano germânico e até mesmo à Europa durante os séculos XV e XVI serão apresentados. Poderemos então entender mais profundamente como essas biografias foram construídas, quais seus objetivos e como elas fazem sentido dentro das preocupações mais contemporâneas da história e da nossa sociedade.

⁸⁷ O falecimento de um amigo e companheiro de estudos, um grave ferimento que Lutero deferiu em sua própria perna, prejudicando seriamente uma de suas artérias e, por fim, o evento mais famoso, que foi a terrível tempestade enfrentada em 1505 enquanto voltava para Erfurt, na qual ele teria feito a promessa de que caso sobrevivesse entraria no monastério.

⁸⁸ SCHILLING, p. 57.

⁸⁹ ROPER, p. 33 e SCHILLING, p. 66.

⁹⁰ ROPER, p. 34 e SCHILLING, p. 62.

⁹¹ ROPER, p. 48 e SCHILLING, p. 66.

⁹² SCHILLING, p. 67.

Capítulo 2 – A sociedade na qual Martinho Lutero estava inserido.

O trabalho dedicar-se-á a partir de então a explicar como as descrições contextuais da sociedade em que Martinho Lutero viveu aparecem nas duas biografias analisadas. Mais uma vez, cabe lembrar que o exercício metódico proposto aqui se vale de compilações e fracionamentos não observados nas obras. Nestes termos, apresentaremos os elementos evocados pelos autores divididos em quatro seções de análise, sendo elas, aspectos econômicos, aspectos políticos, aspectos sociais e aspectos intelectuais, que não aparecem demarcadas claramente nas biografias. Trata-se de uma forma de analisar a preocupação que cada autor tem com estes temas à medida que desenvolvem suas narrativas.

2.1 Documentação basilar – Fontes e bibliografia

Como dito no capítulo anterior, as fontes que basearam as descrições de caráter individual são as mesmas que fundamentaram os aspectos contextuais, mostrando que não apenas a diversificação dos documentos, mas, principalmente dos olhares aplicados sobre eles, são formas de expandir o trabalho do historiador para direções múltiplas. Queremos dizer que mudando a pergunta feita a determinado documento, as interpretações resultantes também podem caminhar distintamente. Esta questão já foi verificada com os pontos individuais e permanecem com os pontos contextuais. As preocupações de cada autor estão refletidas nas formas como abordaram as fontes, que são distintas, apesar do uso de fontes semelhantes.

Nesses termos, as correspondências trocadas entre Lutero e seus contemporâneos, largo escopo documental de Lyndal Roper para elucidar aspectos como sentimento de liderança e de cumpridor de uma missão profética, são também requisitadas para exposição de questões políticas que geriam o Sacro Império a época da Reforma. Igualmente age Heinz Schilling, não se furtando de observar nos relatos das dietas imperiais tanto questões que demonstram a personalidade de Lutero, como demonstrações políticas entre os poderes imperiais. Estes são exemplos para afirmar que não há separação no tipo de fonte utilizada em ambos os trabalhos quando há tratamento de aspectos individuais ou contextuais.

2.2 Elementos constitutivos do contexto.

Muito do que aconteceu na sociedade do Sacro Império no século XVI e que ajuda a entender as ações de Lutero, bem como muito do impacto que ele e seus pensamentos promoveram nesta mesma sociedade estarão elencados aqui em quatro eixos de análise. Classificar as análises feitas pelos biógrafos em aspectos econômicos, políticos, sociais e intelectuais é uma estratégia que busca compilar complexas explicações históricas em grupos específicos para que possamos melhor compreender a preocupação que cada autor tem com estas questões.

2.2.1 Aspectos econômicos

Em termos de volume, a obra de Heinz Schilling apresenta mais análises e descrições sobre a economia da época em que Lutero viveu do que a de Lyndal Roper. Isto porque, enquanto ela se propõe a indicar apenas os impactos diretos que as mudanças econômicas tiveram nas mentalidades dos habitantes do Sacro Império nos séculos XV e XVI, o biógrafo alemão faz um trabalho em certos termos menos fatalista, ao expor questões econômicas como modeladoras de aspectos políticos e sociais e que estes, por sua vez, puderam influenciar a vida e a obra do reformador.

Para exemplificar melhor esta questão, podemos partir para a afirmação de Roper de que a experiência de Lutero com a economia mineradora durante sua infância em Mansfeld forjou seu pensamento econômico de aversão à usura e ao monopólio, isto porque as regras negociais que regiam as minas em sua cidade, segundo ele, levaram sua família à falência e eram, por consequência, desprezíveis⁹³. Ou seja, o impacto da economia fora diretamente associado às visões individuais do reformador.

Na análise de Schilling esta correlação não é tão direta. Ele procura explicar porque a economia sofreu certas mudanças e em que medida a sociedade impactou-se com estas alterações. Ao caracterizar as relações econômicas no Sacro Império, o autor procura descrever a sociedade em que Lutero vivia, sem necessariamente indicar que alguma manifestação de sua intelectualidade se deva a um ponto específico da economia vigente. O historiador afirma que o crescimento populacional observado naqueles anos, trouxe novos impulsos à manufatura e ao comércio, uma vez que a demanda por comida, roupas e utensílios domésticos acompanhou o aumento demográfico.⁹⁴ Por isto,

⁹³ ROPER, p. 15.

⁹⁴ SCHILLING, p. 23.

algumas inovações mercadológicas foram necessárias para suprir as necessidades da população.

Para Schilling, essas mudanças não foram tão abruptas, mas fruto de vários anos de transição e por isso não seriam tão estranhas àqueles que a vivenciavam⁹⁵. Ele afirma que, quando Martinho Lutero nasceu, as mudanças políticas e econômicas já estavam vigentes, mas para Roper, elas eram ininteligíveis para muitos dos contemporâneos de Lutero e para seus ancestrais imediatos⁹⁶, o que justificaria a negativa impressão tão forte que eles tinham a estas inovações.

O historiador alemão faz questão de enfatizar que o poder político estava diretamente associado à força econômica. Schilling afirma que se não fosse o apoio de Frederico, o sábio, seria difícil imaginar o sucesso Reforma, uma vez que a autoridade que o príncipe eleitor adquirira provinha do sucesso econômico de suas terras, principalmente impulsionado pela mineração, pelo aumento do comércio e da produção de manufaturas⁹⁷.

Apesar de citações sobre a economia do Sacro Império aparecerem ao longo de toda a obra, em ambas o foco é dado nas partes introdutórias do trabalho, antes mesmo de se falar do nascimento de Lutero, e voltam com destaque quando os eventos da guerra dos camponeses são trazidos à tona.

Neste último caso, Roper e Schilling apresentam impactos imediatos que a situação econômica teve como catalisador das idéias luteranas⁹⁸, afirmando que boa parte da adesão dos camponeses aos ideais emanados por Lutero afloraram pois o terreno do anti-clericalismo já estava fertilizado pelo aumento de taxas e impostos que estes grupos conviveram a partir da expansão do comércio e da vida nas cidades, obrigações que membros do clero estavam isentos de cumprir⁹⁹. Schilling diz ainda que, além de terem perdido muito com as mudanças que acompanhavam a transição da Idade

⁹⁵ SCHILLING, p. 16.

⁹⁶ Ao mesmo tempo em que Roper afirma que as relações econômicas não eram entendidas por Hans Luder, por exemplo, a autora afirma que o pai de Lutero tinha consciência de que o apoio de um estudioso de jurisprudência era fundamental para manutenção dos negócios da família. (ROPER, p.14)

⁹⁷ SCHILLING, p. 27.

⁹⁸ Apesar de Lutero afirmar que a reforma que a sociedade precisava era apenas em termos eclesiásticos, seus escritos sobre liberdade de pensamento foram interpretados pelos camponeses como fundamentos da sua luta armada por uma revolução mais ampla na sociedade.

⁹⁹ ROPER, p. 39.

Média para a Idade Moderna, os camponeses sofreram extensivas pressões de instituições eclesiásticas para o pagamento de taxas, fomentando o anti-clericalismo¹⁰⁰.

2.2.2 Aspectos políticos

Em comparação aos aspectos econômicos, as questões políticas do Sacro Império Romano Germânico aparecem em mais evidência em ambos os trabalhos. Até porque, como já foi dito no item anterior, muitas vezes as questões econômicas foram alçadas pelos biógrafos para configurar o cenário político. Outra diferença é que pontos sobre política são levantados durante toda a obra e não apenas em momentos específicos, principalmente no que tange ao fato de Lutero ter desafiado com seus pensamentos a autoridade papal e imperial vigente. Portanto, como a reforma de Lutero foi em grande medida uma desconstrução dos poderes vigentes, a questão política é essencial para o entendimento de sua vida.

Boa parte das questões políticas passa a ser representada nas obras pelo funcionamento das cidades na região da Saxônia. Heinz Schilling afirma que a moderna urbanização na Alemanha não foi baseada no rápido e desproporcional crescimento de grandes metrópoles, como foi o caso de Londres e Paris, mas através de uma rede de relacionamento entre as cidades, de forma que elas interdependiam uma das outras intelectual, comercial e politicamente. Esta é a explicação evocada por Schilling para ajudar a entender porque questões internas à cidade de Wittenberg, como foi a publicação das 95 teses, espalharam-se tão rapidamente por todas as demais cidades do Império¹⁰¹. Lutero e a reforma são então colocados pelo biógrafo como produtos deste crescimento das cidades de forma integrada que promoveu o fortalecimento das instituições cívicas¹⁰².

Lyndal Roper não apresenta as caracterizações das cidades germânicas tal como enunciado acima, mas afirma que a existente interligação entre as cidades manifestava-se, dentre outros exemplos, no interesse que as autoridades tinham de controlar cidades centrais nesse relacionamento urbano, de forma que algumas regiões importantes tornaram-se centro de disputas entre eleitorados próximos durante longa parte dos séculos XV e XVI. A biógrafa afirma que disputas pelo controle da cidade de

¹⁰⁰ SCHILLING, p. 246-247.

¹⁰¹ SCHILLING, p. 92.

¹⁰² SCHILLING, p. 92

Erfurt, onde Lutero iniciou sua vida acadêmica, perduraram por anos entre a elite da Saxônia e o arcebispado de Mainz. Nesta direção ela informa que entre os contemporâneos do eleitor Frederico fora comum associar o apoio dado a Lutero em grande parte a esta querela envolvendo o controle de Erfurt¹⁰³.

O fato das cidades germânicas não terem se expandido em grandes escalas é também lembrado por Roper quando ela afirma que a característica provinciana de Wittemberg, com sua recém fundada universidade, possibilitou que Lutero desenvolvesse suas idéias com muito mais eficácia do que poderia acontecer em um local onde as instituições fossem mais antigas, burocratizadas e estabilizadas¹⁰⁴.

Um ponto interessante trazido pela historiadora de Oxford sobre a vida nas cidades, que não aparece com a mesma clareza no trabalho de Schilling, é que nas cidades da Saxônia era comum a presença de grupos populacionais distintos dos de origem germânica, que ela nomina de ‘minorias reprimidas’. Muito do anti-semitismo dos escritos luteranos, segundo Roper, encontrava apoio nos residentes destas cidades cujos habitantes estavam acostumados a subjugar os judeus que viviam em suas cercanias¹⁰⁵.

As descrições das questões citadinas abrem espaços para detalhamentos das autoridades que a regiam. Desta forma, a figura política do príncipe eleitor da Saxônia, Frederico, o sábio, ganha bastante destaque. Tanto Roper como Schilling destacam que o entendimento da atuação política deste governante é essencial para a compreensão da Reforma. O biógrafo alemão chega a afirmar isto em tons bem veementes. Segundo ele, o sucesso da Reforma só foi possível pois no momento crítico da Dieta de Worms, toda a vida e ensinamentos de Lutero dependeram da proteção de Frederico, cuja autoridade sustentava-se no aumento do poderio econômico das regiões sob seu comando, mas também fruto de fortalecimentos em outras áreas, que o eleitor promoveu durante seu governo.¹⁰⁶

As riquezas das minas na Saxônia aumentaram a influência econômica de Frederico perante os demais eleitores, mas ele desejava ter o mesmo poderio intelectual

¹⁰³ ROPER, p. 41.

¹⁰⁴ ROPER, p. 63.

¹⁰⁵ ROPER, p. 65.

¹⁰⁶ SCHILLING, p. 32.

e religioso que os demais membros da dieta imperial possuíam¹⁰⁷. Apesar de gozar do direito de escolha do Imperador, Frederico não detinha, afirma também Roper, do mesmo prestígio que os eleitores do sul do Império¹⁰⁸.

Naquilo que concerne ao apoio que Frederico ofereceu a Lutero durante a Reforma, Roper vai além da famosa proteção concedida pelo príncipe no momento pós-banimento imperial e afirma que muito do seu projeto político em direção a um aumento de prestígio frente aos demais estados imperiais esteve calcado na construção e fortalecimento da universidade de Wittemberg. O erguimento de um centro acadêmico que rivalizasse com os já existentes no sul do Império era essencial para demonstrar que a Saxônia não era importante apenas economicamente¹⁰⁹. Ou seja, apoiar um dos professores mais renomados dentro de sua universidade, era sustentar o poderio intelectual proveniente de seus domínios.

Na demonstração desta relação íntima que Lutero construiu com a imagem da Universidade e que mereceu o apoio de Frederico, Lyndal Roper aponta uma das grandes contradições da vida de Lutero¹¹⁰: a Universidade era financiada pelas peregrinações promovidas pelo eleitor para visitaçao das relíquias de santos que ele possuía¹¹¹. *It is a strange irony that Luther's academic work was initially made possible by the trade in relics.*¹¹²

Além de arrecadar financiamento, Frederico também via nas peregrinações uma forma de transformar a Saxônia em um lugar sagrado, para que ninguém precisasse dela sair, como, por exemplo, indo a Roma, para receber graças espirituais. A idéia era que a própria Saxônia se tornasse um centro de peregrinações dentro do Sacro Império. Por isto, explica Roper, a retórica anti-Roma desenvolvida por Lutero encaixou-se tão bem nos interesses do governante da Saxônia¹¹³.

Inclusive, os escritos que Lutero desenvolveu ao longo de sua vida foram sendo incorporados pela retórica daqueles que objetivavam diminuir o poder do Imperador e

¹⁰⁷ SCHILLING, p. 33

¹⁰⁸ ROPER, p. 67.

¹⁰⁹ ROPER, p. 67.

¹¹⁰ No epílogo de sua obra, Roper afirma que uma das suas maiores preocupações é mostrar as contradições da vida de Lutero como forma de o localizar como sujeito histórico que possui reviravoltas e que não teve uma vida traçada como num roteiro lógico.

¹¹¹ ROPER, p. 67.

¹¹² ROPER, p. 67.

¹¹³ ROPER, p. 68.

umentar a influência de cada eleitorado. Nesta questão os interesses de Frederico também se aproximavam do reformador. Além disso, a influência papal dentro das terras imperiais era vista como um entrave para o desenvolvimento dessas regiões.

Lyndal Roper afirma que estes homens estavam interessados em reformar as relações entre o Imperador e os estados constituintes do Império, iniciando pela redução das contribuições financeiras que cada eleitorado era obrigado a fornecer à Igreja Romana¹¹⁴. É por isso que quando as idéias de Lutero foram levadas pela primeira vez à Dieta Imperial em Augsburg ainda em 1518, o caso do monge já não se resumia a uma questão dos agostinianos ou de Roma, mas representava anseios de membros da política secular¹¹⁵.

Demonstrando em seus escritos como a nacionalidade pode influenciar os interesses de um pesquisador, Heinz Schilling se vale das descrições dos eventos das Dietas imperiais para demonstrar como elas foram constitutivas da história política da Alemanha. O autor diz que a era da reforma se tornou a grande época das dietas alemãs e dos estados representados em tais reuniões. Adicionalmente, a associação entre a reforma e a liberdade dos estados imperiais ajudou a pavimentar o caminho para o subsequente federalismo alemão¹¹⁶.

Como Schilling demonstracom bastante equilíbrio as informações sobre o reinado do Imperador Carlos V, esforço elogiado por Lyndal Roper no epílogo da obra que aqui analisamos, os eventos da Dieta de Worms são bem destacados para a compreensão de como a questão imperial confundiu-se com os eventos da Reforma.

Quando a Dieta de Worms foi convocada, em 1521, o recém-eleito imperador, Carlos V, tinha apenas 19 anos e havia se tornado um dos mais poderosos governantes da cristandade, governando terras desde a região da Espanha até a Alemanha¹¹⁷. Já nos primeiros anos de sua atuação, Carlos V precisava recuperar a autoridade imperial frente aos estados que compunham o Sacro Império, mas sem poder atuar contra eles, uma vez que sem a simpatia e o suporte desses governantes não alcançaria esta meta¹¹⁸. No entanto, nesta época Lutero já havia manifestado sua rejeição à autoridade papal,

¹¹⁴ ROPER, p. 102.

¹¹⁵ ROPER, p. 101.

¹¹⁶ SCHILLING, p. 193.

¹¹⁷ SCHILLING, p. 166.

¹¹⁸ SCHILLING, p. 168.

queimando a Bula que exigia retratação de sua teologia exposta nas 95 teses, e já ganhava apoio entre alguns príncipes eleitores por associar a figura do Imperador a este poder romano e que, portanto, deveria ser abandonada¹¹⁹.

A situação delicada pela qual Carlos V passava agravava-se pela pressão que recebia de Roma de guardar a fé cristã e condenar secularmente aquele que já havia sido considerado um herege pela Igreja. Sendo assim, mesmo não querendo se indispor com o já consagrado eleitor da Saxônia, que defendia o professor de sua Universidade, Carlos V promulgou o banimento imperial para Martinho Lutero¹²⁰. Entretanto, mesmo após a posição de Carlos V, os estados imperiais não estavam dispostos a aceitar a máxima de que a posição romana deveria ser prontamente seguida por qualquer membro da cristandade¹²¹. Desta forma, o banimento imperial foi dado apenas em nome do Imperador e não em nome da Dieta Imperial, demonstrando que o poder dos estados já começava a sobressair às instituições vigentes no século anterior, ensejando o florescimento dos Estados modernos¹²².

Portanto, o ambiente político no qual Lutero nasceu já indicava mudanças que aumentaram a influência dos príncipes eleitores frente ao Imperador e ensejaram o surgimento dos Estados modernos. Contudo, boa parte da base intelectual e religiosa que esta nova forma de política aderiu veio do trabalho do reformador. A exposição dessa interrelação entre pensamento Luterano e o aumento dos poderes locais é um dos exemplos mais explorados pelos autores para demonstrar como as questões individuais de Lutero se confundiram com as contextuais e promoveram um resultado que só é inteligível quando essas duas esferas ganham espaço conjuntamente nas análises dos historiadores.

2.2.3 Aspectos Sociais

O trabalho para compilar informações que pudessem compor esta seção foi mais delicado do que nas demais. Não porque as obras deixem de apresentar caracterizações da sociedade fora daquilo que é essencialmente político ou econômico, até porque a construção narrativa de ambos os biógrafos iniciou com o objetivo claro de caracterizar Lutero como um homem de seu tempo, inserido dentro da sua sociedade e cultura. A

¹¹⁹ SCHILLING, p. 180.

¹²⁰ SCHILLING, p. 191.

¹²¹ SCHILLING, p. 188.

¹²² SCHILLING, p. 192.

questão é que a forma como as questões sociais aparecem na obra parecem traduzir de forma mais transparente os interesses pessoais de pesquisa de cada historiador e por isso a atenção precisou ser redobrada.

Por exemplo, Lyndal Roper tem como uma de suas linhas de estudo, a pesquisa na área de feitiçaria. Desta forma, encontramos em sua obra referências de como a religiosidade do povo da Saxônia era extremamente ligada ao folclore e ao misticismo. A historiadora apresenta algumas superstições que os trabalhadores das minas possuíam, como a de que aquele que encontrasse alguma pedra preciosa seria detentor de uma sorte sobrenatural, demonstrando que muito da religião cristã tradicionalmente ensinada por Roma misturava-se com questões mais exóticas¹²³. Semelhantes observações não são encontradas no trabalho de Heinz Schilling.

Para o alemão, a questão da religiosidade é um fator operado de forma menos freqüente, sem muitas problematizações, como faz Roper. Para ele, no que tange a esse assunto, é imprescindível ter a noção de que, na época em que Lutero viveu, a fé tinha prioridade na vida dos indivíduos¹²⁴ e que o reformador, bem como seus contemporâneos, não entendia “religião” e “igreja” como partes de uma esfera privada, mas como forças completamente inseridas em questões pessoais e públicas¹²⁵.

Entretanto, apesar de notar que a fé perpassava toda a vida dos indivíduos, Schilling afirma que, aos poucos, a dimensão íntima das devoções passou a ganhar destaque¹²⁶. Em outras palavras, apesar de questões de religião ainda dizerem respeito à sociedade como um todo, as práticas de fé eram entendidas cada vez mais como emanadas pelo próprio indivíduo. Talvez por isto, a livre interpretação dos textos bíblicos passasse a fazer mais sentido para Lutero, uma vez que dizia respeito a uma devoção particular e que não precisava de intermediários.

Ainda sobre religiosidade, o biógrafo alemão afirma que nenhuma outra geração na Alemanha vivia tão preocupada com a morte e com a salvação eterna como a que viveu no final do século XV e no início do século XVI. Por isto, as peregrinações e as indulgências tinham atingido o seu ápice¹²⁷. Inclusive, foi com base nesta percepção que

¹²³ ROPER, p. 14.

¹²⁴ SCHILLING, p. 2.

¹²⁵ Ibidem

¹²⁶ SCHILLING, p. 16.

¹²⁷ SCHILLING, p. 35.

Frederico, o sábio, dedicou-se a promover as já citadas visitas às suas relíquias e a explorar estas devoções pelo seu projeto político.

Uma questão que não diz respeito estritamente à fé, mas que ajuda na sua compreensão, é o fato, descrito por Schilling, de que a Alemanha setentrional vivia, na época de Lutero, um processo de conhecimento de estruturas renascentistas. O estilo da maioria das cidades da Saxônia ainda mantinha muitos padrões góticos e apenas em cidades mais intelectualizadas, como Erfurt e Wittenberg, o renascimento apresentou certa influência na arquitetura¹²⁸. Esta afirmação nos permite compreender o estranhamento de Lutero ao visitar Roma, em 1511, e de posteriormente, já marcado pela reforma, classificar muito desse seu espanto como abominações da Igreja Romana. É por isto que Schilling questiona a interpretação tradicional do sociólogo Max Weber de que a Reforma seria um ímpeto modernizador da sociedade. A Reforma fez sim parte do mundo que hoje chamamos de moderno e colaborou para formação de itens que o caracterizaram como diferente de outras eras. Schilling, com efeito, constrói sua obra nesta direção. Contudo, se a teologia de Lutero se portou contra alguns processos de racionalização e burocratização que a Igreja havia iniciado desde o século XII, ela pode ser interpretada como uma reação aos impulsos da modernização emanados por Roma¹²⁹.

Na seção anterior, demonstramos que Roper caracterizou a vida em algumas cidades da Saxônia de certa forma através da repressão a alguns grupos minoritários que nelas habitavam. Schilling, apesar de não fazer citação direta à presença de povos distintos no mundo saxão, afirma que a sociedade germânica, a despeito de não ter sido muito influenciada pelas descobertas de além-mar, estava sempre em bastante contato com os turcos que avançaram após a queda do Império Bizantino, o que provocou embates políticos, religiosos e culturais que Lutero precisou tomar parte nos seus escritos.¹³⁰

Além das já citadas, algumas outras comparações que os biógrafos fazem da vida na Saxônia em relação a outras partes do mundo são também marcantes, pois demonstram algumas particularidades de por que a reforma encontrou terreno fértil para ocorrer nesta região.

¹²⁸ SCHILLING, p. 31.

¹²⁹ SCHILLING, p. 18.

¹³⁰ SCHILLING, p. 16.

Primeiramente podemos citar a afirmação de Roper de que a característica elitizada da reforma Luterana apenas seguiu a realidade do eleitorado da Saxônia, onde as instituições eram bastante centradas na figura do príncipe eleitor. Nas palavras da autora: *this helps explain why his Reformation would be so different from that which would emerge in the south, and why his theology of power appear so reactionary. He simply had no experience of the more democratic values of southern German Communes.*¹³¹

Apesar de elitizada, a corte do eleitorado da Saxônia era mais acessível e menos distante do que as que viviam na Espanha ou na França¹³². Esta é a contribuição de Schilling como a segunda comparação do contexto Luterano em relação ao restante do mundo que ajuda a entender o fato da Reforma ter encontrado espaço para acontecer em Wittemberg. Muito do acesso que Lutero teve a Frederico e este às ideias luteranas se deu pela abertura que o reformador encontrou de expor seus pensamentos na corte, através da amizade, já tratada no capítulo 1, que Lutero desenvolveu com Georg Spalatin, secretário do Príncipe eleitor.

Muito da descrição social promovida pelos autores repousa em itens de intelectualidade, que por questões de importância e volume, preferimos tratar em uma subdivisão separada. Mas, antes de finalizar a presente seção, destinamos os espaços finais para uma preocupação bem declarada de Lyndal Roper em entender questões de gênero nesta sociedade¹³³. Este é um interesse de estudo da historiadora e ela faz questão de exibir neste trabalho. Não obstante não focar nestas questões, encontramos também ponderações que Heinz Schilling traça nesta direção.

As descrições sobre os papéis que cada gênero tinha na vida de Lutero iniciam, em ambas as obras, na casa de seus pais. Entretanto, a realidade da família Luder é classificada por Roper como diferente daquilo que era observado no geral. A autora afirma que havia uma separação muito clara na casa dos Luder¹³⁴. Enquanto a mãe ficava em casa cuidando dos empregados e dos filhos, o pai de Lutero dedicava-se ao trabalho fora dela nas minas de Mansfeld. Segundo a biógrafa, esta demarcação clara

¹³¹ ROPER, p. 71.

¹³² SCHILLING, p. 104.

¹³³ Para tratar destas questões, preferiu-se utilizar muitas das afirmações de Roper conforme o original. Isto porque por não possuir o conhecimento para tratar de história de gênero, alguma tradução ou paráfrase possa mudar o que a autora quis afirmar.

¹³⁴ ROPER, p. 8.

não era comum e por isto seria um ponto diferencial que ajuda a entender as ideias que Lutero desenvolve sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade. A autora afirma que *“the strict demarcation between the sexes in the Luder household was therefore rather unusual, and it may help explain why Luther’s later ideas about gender¹³⁵ roles exaggerate the differences between the sexes.”¹³⁶*

Essa divisão de tarefas é observada também por Schilling quando ele afirma que Margareth Luder teve dominante influência sobre a espiritualidade de seu filho, porque esteve muito mais presente nas experiências cotidianas das crianças¹³⁷. Em complemento, Roper afirma que a visão masculinidade e paternidade que Lutero construiu foi forjada pela sua relação com o pai¹³⁸

Já tratamos anteriormente que Roper aposta nesta relação entre pai e filho como luz para muitos fatos da vida de Lutero, enquanto Schilling afirma que estas relações duras eram comuns e não podem ser utilizadas para justificar o posicionamento de Lutero frente às autoridades. Mas até mesmo a entrada no monastério é interpretada pela historiadora como uma manifestação perante à vivência que teve com o pai. *By entering the monastery he had rebelled against his father and rejected the male identify and patriarchal power that was his to inherit.*¹³⁹

Estas questões de gênero voltam a povoar as obras quando o casamento de Lutero é tratado pelas biografias. Schilling afirma que a presença de Katharina Von Bora na vida de Lutero foi bastante intensa. Como único membro feminino da household, coube a ela a administração dos pagamentos dos estudantes que habitavam a casa durante seus estudos na Universidade de Wittemberg, além da educação dos filhos, e o controle de todas as finanças. Esta habilidade que Katharina demonstrou fez com que ela se tornasse um suporte confiável para Lutero sendo, inclusive, considerada como uma de suas colaboradoras¹⁴⁰. O autor afirma que mais apreciações sobre a vida da esposa de Lutero só vieram com trabalhos recentes de historiadores sociais e de

¹³⁵ É interessante perceber que o vocabulário utilizado por Heinz Schilling e Lyndal Roper nestas questões de gênero é bastante diferente. A autora usa comumente palavras como “patriarcal”, “masculinidade”, “misogénia” e até mesmo a palavra “gênero”, enquanto o biógrafo alemão aposta em vocábulos menos comuns a historiadores que não trabalham com estas questões.

¹³⁶ ROPER, p. 9.

¹³⁷ SCHILLING, p. 43.

¹³⁸ ROPER, p. 36.

¹³⁹ ROPER, p. 43.

¹⁴⁰ SCHILLING, p. 288.

gênero e que muito do que fora produzido antes apenas focava no casamento como uma questão de total quebra com os padrões de sacerdócio romano¹⁴¹.

Roper classifica a posição de Katharina dentro da household como uma divisão de trabalhos baseada em questões de gênero, na qual era possível que o homem se dedicasse a questões acadêmicas, lendo e escrevendo sem ser perturbado, enquanto a mulher cuidava das despesas e dos alojamentos dos estudantes¹⁴².

2.2.4 Aspectos intelectuais.

Decidiu-se por selecionar uma subdivisão para a análise das descrições contextuais que os autores fazem sobre a intelectualidade da sociedade em que Lutero viveu, prioritariamente, porque o conhecimento que se tem sobre o ex-monge e sua Reforma advém, em grande medida, dos seus escritos acadêmicos. Ou seja, à medida que boa parte das fontes utilizadas pelos historiadores para obter um conhecimento metodologicamente confiável sobre a Reforma e Lutero é fruto das obras nas quais ele expôs sua teologia, a compreensão das questões intelectuais que o influenciaram torna-se essencial.

Schilling dedica boa parte da sua obra para trabalhar aquilo que ele chama de avanço do humanismo e da renascença pela Europa no século XVI¹⁴³. Para muitos dos pensadores que transmitiam essas novas ideias, a experiência e a empiria eram as formas corretas de se alcançar o conhecimento¹⁴⁴. Eles apostavam que os ímpetus da nova era, que compreendiam alterações nas práticas devocionais, mudanças no funcionamento econômico, novas descobertas por causa do contato com novos povos e dos avanços no estudo da botânica, do corpo humano e nas artes em geral, não poderiam ser abarcados pelo crescimento de interpretações sofistas baseadas em uma tradição incompreensível, mas sim através de um renovado e expandido conhecimento calcado no exame de fontes¹⁴⁵.

¹⁴¹ SCHILLING, p. 288.

¹⁴² ROPER, p. 272.

¹⁴³ SCHILLING, p. 27.

¹⁴⁴ SCHILLING, p. 28.

¹⁴⁵ SCHILLING, p. 28.

Estas percepções tratadas com bastante cuidado na obra de Schilling fundamentam sua afirmação de que, apesar de Lutero e sua teologia serem essencialmente originais, ambos foram fruto deste novo dinamismo¹⁴⁶

Desde a mais tenra idade, quando iniciou os estudos, Martinho Lutero já teve sua vida marcada por estes novos ímpetos. Schilling aponta para uma mudança na educação na Europa e na Alemanha desde o final do século XV. As escolas expandiram-se, bem como as Universidades, dando uma maior mobilidade nas opções de estudo¹⁴⁷. Apesar de a teologia permanecer como principal cadeira nas Universidades, a medicina e as jurisprudências, por exemplo, ganharam bastante destaque visto que se tornaram cada vez mais necessárias na vida cotidiana¹⁴⁸. Nesta contenda, tornou-se cada vez mais comum que as crianças não tivessem a necessidade de seguir o ofício dos pais durante sua vida adulta¹⁴⁹.

Schilling aponta, contudo, que apesar do pensamento humanista ter aberto portas para várias novas áreas do conhecimento, na Alemanha central, o acesso aos estudos permaneceu, durante um bom tempo, atrelado aos interesses administrativos e políticos dos governantes¹⁵⁰.

Enquanto o humanismo encontrava espaço, o pensamento filosófico de cunho escolástico passou a ser criticado. Lutero teve acesso a estas duas formas de pensamento, com precedência para o escolaticismo durante seus estudos no monastério em Erfurt que fora substituída quando o monge passou a lecionar em Wittemberg. Roper indica que grande parte dos colaboradores da Reforma juntaram-se nos debates nos quais as críticas à Escolástica ganharam destaque¹⁵¹.

Roper assegura que a defesa pela “livre interpretação” dos textos bíblicos, pelo direito de “consciência”¹⁵² e de uma devoção privada sem intermediários são influências da rejeição do pensamento escolástico. Schilling diz que até mesmo a forma de pregação que Lutero desenvolveu, rejeitando o uso de scripts e apostando em notas da

¹⁴⁶ SCHILLING, p. 32.

¹⁴⁷ SCHILLING, p. 48.

¹⁴⁸ SCHILLING, p. 49.

¹⁴⁹ SCHILLING, p. 48.

¹⁵⁰ SCHILLING, p. 48.

¹⁵¹ ROPER, p. 209.

¹⁵² ROPER destaca que o entendimento de Lutero e de seus contemporâneos por “consciência” era distinto do que temos atualmente. Tartava-se basicamente da liberdade de pensamento que cada indivíduo tinha recebido de Deus. ROPER, p. 172.

memória e na arte do improviso, eram ataques diretos à teologia de São Tomás de Aquino e suas influências no sacerdócio cristão.¹⁵³

Além do avanço do humanismo, a vivência universitária em Wittenberg marcou profundamente o pensamento luterano. Schilling alega que a reforma, com todas as suas profundas implicações históricas, emergiu de um solo fértil cultivado pelas diversas mudanças na Universidade¹⁵⁴. A recém-fundada instituição era um local propício para a manifestação de pensamento inovadores. E fora dentro deste movimento transformador que Lutero vivenciou a criação de duas novas cadeiras, a saber de Grego e Hebreu que vieram a impactar profundamente seu trabalho. Além de um dos seus principais aliados, Philipp Melanchthon, ter chegado à cidade para ministrar a primeira das novas disciplinas, fortalecendo a rede de apoiadores que o sustentariam nos momentos mais complicados da reforma, estes estudos foram essenciais no trabalho que desenvolveu posteriormente para tradução da Bíblia para o alemão¹⁵⁵.

Sobre este exercício envolvendo as Sagradas Escrituras, o qual Lutero dedicou boa parte de sua vida, a obra de Heinz Schilling sugere que o impacto que este trabalho exerceu sobre a sociedade do Sacro Império, não estava assentado na primazia da transcrição dos textos bíblicos para o vernáculo, algo já feito anteriormente, mas, a originalidade de seus esforços recai na escolha do uso de um alemão mais popular e, por isso, mais acessível a toda população¹⁵⁶.

Seria, entretanto, incompleto indicar que os autores explicam o sucesso na divulgação dos princípios luteranos apenas pelo avanço do humanismo e do uso de uma linguagem mais próxima a da população. O desenvolvimento da mídia impressa é para Schilling causa essencial da propagação das ideias reformadoras.

Roper afirma que Lutero se valeu de muitas publicações para expandir sua teologia¹⁵⁷, mas a autora não desenvolve explicações sobre como este volume de textos atingiu a sociedade. Schilling, em outra direção, afirma que a divulgação em massa de escritos luteranos foi algo possibilitado por um processo editorial mais ágil que veio em

¹⁵³ SCHILLING, p. 315.

¹⁵⁴ SCHILLING, p. 116.

¹⁵⁵ SCHILLING, p. 110.

¹⁵⁶ SCHILLING, p. 201

¹⁵⁷ ROPER, p. 130.

complemento¹⁵⁸ das obras manuscritas. Apenas uma ou duas gerações antes, esse material teria sido disseminado de forma lenta e certamente não teria ultrapassado as fronteiras acadêmicas. Com a imprensa, e também com o aumento da prática de se trocar informações intelectuais por correspondências, em questão de semanas os textos tornavam-se públicos¹⁵⁹.

Schilling considera o sucesso editorial de Lutero ainda mais notável porque, apesar da produção de volumes de textos impressos ser mais rápida que a versão manuscrita, o preço destes itens ainda era extensivo. O autor mensura que os panfletos utilizados ostensivamente pela Reforma custavam pelo menos uma hora de trabalho de um artesão.

Sendo assim, o pensamento de Lutero alcançou a maioria da população que era pobre e iletrada em grande parte pelo uso de ilustrações humoradas, mas também pelos indivíduos que liam os trechos mais reveladores dos escritos em mercados ou em casas públicas. A divulgação oral de seus pensamentos, em debates e sermões, por exemplo, também foi uma arma bem utilizada nesta direção¹⁶⁰.

Em suma, as transformações intelectuais que, em geral, atingem primordialmente as elites que tem acesso a elas, tornaram-se inteligíveis ao público porque estavam associadas à mudanças cotidianas no funcionamento das cidades e também porque foi desenvolvido um meio de divulgação em massa de textos e imagens que portavam a causa luterana e a aproximavam da sociedade da Saxônia em detrimento da antiga vivência cristã liderada por Roma.

¹⁵⁸ Optou-se por utilizar o termo “complemento” e não “substituição” porque o século XVI conviveu com obras manuscritas e impressas. Aquelas só viriam a ser abandonadas em níveis editoriais nos anos finais do período.

¹⁵⁹ SCHILLING, p. 135.

¹⁶⁰ SCHILLING, p. 201.

Conclusão

Ao longo desse trabalho, procuramos demonstrar que as biografias históricas analisadas foram escritas de forma a enxergar o objeto de estudo, Martinho Lutero, como um indivíduo referenciado em sua própria era. Nestes termos, ambos os historiadores precisaram buscar elementos individuais e contextuais para trazer sentido à narrativa histórica que compuseram. Para ambos, seus escritos se fizeram possíveis dentro de uma perspectiva de compreensão do indivíduo na história e nas biografias, na qual contexto e aspectos pessoais só podem ser compreendidos em conjunto, porque estão, a todo momento, se influenciando.

A busca por apresentar as circunstâncias da era em que Lutero viveu foi, tanto para Schilling como para Roper, uma forma de narrar a própria essência da teologia luterana, demonstrando, concomitantemente, que o reformador tanto produziu a mudança, como foi fruto da transição em curso.

Se ao longo do trabalho nos dedicamos, então, a compilar estrategicamente aspectos individuais e contextuais envolvendo a vida de Lutero, para melhor enxergar como os autores trabalham estas questões, demonstrando quais são suas preferências e focos, o que ignoram ou preferem não dar tanta importância, buscaremos agora reunir estes pontos para propor considerações finais sobre o trabalho biográfico que cada autor analisado produziu.

As características de imponência, liderança e auto-confiança da personalidade de Lutero, trabalhadas com muito mais afinco por Lyndal Roper do que por Heinz Schilling, mas sem serem por ele esquecidas, são muitas vezes associadas ao posicionamento que Lutero tomou frente àqueles que perseguiram suas ideias. Nestes termos, esses traços de personalidade aparecem em ambas as obras bastante atrelados às narrações dos debates e Dietas imperiais dos quais Lutero participou após a publicação de suas teses em 1517. Ou seja, uma descrição extremamente íntima e individualista da personagem, que poderia de maneira descontextualizada não trazer sentido às narrativas históricas das reformas protestantes, é trabalhada pelos autores de forma a melhor detalhar o andamento político que a Reforma teve ao longo dos anos.

Entretanto, ao mesmo tempo que os autores relembram que o temperamento de Lutero o ajudou no ato de recusa se retratar perante autoridades já instituídas, eles traçam o caminho intelectual por qual o reformador passou, demonstrando que muito da intelectualidade da época estava contida em seus pensamentos, o que lhe dava certa segurança de não estar defendendo uma causa incompreensível para muitos dos seus contemporâneos.

Uma outra forma de associar contexto e individualidade que é bastante semelhante em ambas as obras estudadas reside no fato de que as redes de relacionamento costuradas por Lutero ao longo de sua vida foram essenciais para manutenção da reforma enquanto sua pessoa esteve em maior perigo e ameaça. E em destaque nessa contenda aparece a aproximação de interesses de Frederico, o sábio, eleitor da Saxônia e do reformador.

É também consenso para os dois historiadores que toda a eloquência que Lutero tinha para escrever, todo seu conhecimento adquirido em sua carreira acadêmica e toda sua facilidade em angariar apoiadores (e também críticos) potencializou-se pela divulgação mais ágil que a imprensa possibilitava. As mudanças na intelectualidade, principalmente condicionadas pelo avanço do humanismo dentro do Sacro Império, estavam em grande parte associadas a estas inovações mecânicas que aumentaram a velocidade de transmissão da informação.

Podemos lembrar ainda que o rico detalhamento que Roper e Schilling fazem do funcionamento das cidades na Saxônia atrela-se com as experiências individuais que Lutero teve na sua infância, na sua vida universitária e na divulgação de suas obras.

De maneira geral, ambas as biografias foram construídas para demonstrar a associação intercorrente entre a individualidade de Lutero e o ambiente no qual ele vivia. Apesar de partirem do mesmo ponto, as análises efetuadas aqui demonstram, entretanto, que, dependendo da forma como cada autor abordou um determinado tema, as relações Indivíduo-Contexto podem apresentar sentidos diferentes em cada narrativa. Sendo assim, podemos afirmar que diferentes interesses de pesquisa proporcionam olhares distintos na documentação existente e que a predileção ou a especialização de cada autor acaba por marcar suas narrações, uma vez que eles tendem a dar sentido às suas narrativas em função dos elementos que já estão familiarizados.

Roper construiu seu trabalho com um objetivo declarado dentro da sua própria obra de entender Lutero no seu íntimo, principalmente dentro de suas contradições. É por isso que a autora destaca com muita ênfase ironias dentre aquilo que Lutero recebeu, atuou, pensou e escreveu. A autora aponta para o fato de Lutero ter ampliado sua influência acadêmica dentro de uma Universidade financiada pelo comércio de relíquias, algo que ele futuramente viria a criticar. É também mérito de sua biografia apontar diretamente para o fato de Lutero iniciar sua crítica a Roma com base na livre-interpretação de textos bíblicos, mas atuar contra qualquer interpretação livre que fosse diferente da sua própria. Além disso, Roper afirma que Lutero muitas vezes precisou recorrer à tradição de Igreja para justificar pontos de sua teologia, como a aceitação do batismo em crianças, em contraposição a sua doutrina do “*sola scriptura*”, tão utilizada para desmoralizar a atuação da exegese romana.

A historiadora australiana, extremamente focada no interior de Lutero, constrói uma narrativa bem dramática, na qual expõe suas conquistas, perdas, medos, angústias com bastante intensidade, de forma que até mesmo as estruturas são descritas para enfatizar algum aspecto do seu interior. É por isso que a autora associa diretamente o relacionamento filial entre Lutero e seu pai como determinante na sua crítica à visão de Deus emanada pela filosofia escolástica. As relações econômicas também são expostas de forma muito mais agressivas, impactantes e marcantes no cotidiano e no imaginário do reformador. A carga psicológica que Roper imputa às suas interpretações é massiva e por isso seu trabalho exerce conexões tão intensas entre as particularidades de Lutero e o contexto que o cerca.

Heinz Schilling associa as questões individuais e contextuais de forma menos direta. Apesar de garantir que Lutero foi afetado pelas suas circunstâncias e de que foi insumo da mudança de seu tempo, o historiador não faz relações causais diretas entre o funcionamento econômico das minas com as críticas que o reformador tecerá ao monopólio e à usura. Para ele, as descrições contextuais são elencadas para referenciar Lutero e por isso sua biografia despande várias páginas para expor questões contextuais. Schilling é bastante minucioso em questões exteriores a Lutero, principalmente em relação ao funcionamento político do Sacro Império e aos interesses do Imperador e dos príncipes eleitores. Muito desse apelo político aparece referenciado no entendimento do funcionamento atual da política na Alemanha.

Apesar das diferenças de tratamento das fontes, de acordo com seus interesses de pesquisa atuais, ambos os autores foram capazes de imbricar contexto e individualidade e trazer à tona preocupações que são pungentes em nossa historiografia atual. Como a história trata de fatos passados a partir de uma visão do presente, ela sempre vai estar marcada com assuntos de interesse da contemporaneidade dos autores e, por mais que os autores tenham tido a intenção de diferenciar o impacto que Lutero teve em sua própria era da forma como ele foi retratado historiograficamente através do tempo, eles também carregaram suas obras de interesses contemporâneos.

Se questão de gênero, já ilustrada no capítulo 2, não servir como único exemplo para a afirmação do parágrafo acima, podemos citar ainda o trabalho que os autores têm de referenciar o contato e relacionamento com outros povos (algo que o mundo busca ainda entender, principalmente frente ao avanço islâmico na Europa ocidental).

A retórica anti-semita, que não é novidade na historiografia luterana, é trabalhada pelos autores como reflexo do contato com o outro, com o diferente e é explorado para demonstrar como a retórica de afirmação dos nossos próprios interesses passa pela negação do outro. É descrito que o processo de auto-conhecimento de si, perpassou muitas vezes pela diferenciação frente ao outro, mas incorporando aquilo que conheceu pelo outro. Dessa forma, se os judeus eram vistos como abomináveis para Lutero, não era pela total negação do que pensavam, mas se valendo da já antiga anedota do “povo eleito” : *It was integral to his thought his insistence that the true Christians – that is the evangelicals – had become the chosen people and had displaced the Jews would become fundamental to Protestant identity.*¹⁶¹

E dentre as diversas ponderações que aparecem nas mais de 400 páginas de cada historiografia analisada, podemos observar que a preocupação de cada autor, por mais que seja distinta, não se furta de equalizar a descrição do individual e do contextual para a produção do sentido da narrativa histórica. Se ora as biografias foram acusadas por teóricos da História por não produzirem um texto com poder de interpretar os eventos do passado em sua complexidade porque estavam focados em apenas uma experiência humana, as biografias históricas novas, das quais os trabalhos de Heinz Schilling e Lyndal Roper fazem parte, mostram que as tensões dos atos humanos passados não perdem a função de orientar questões alavancadas pelo presente apenas porque estão

¹⁶¹ ROPER, p. 385.

focadas em uma experiência individual. Reside no trabalho de superposição do individual (com suas anomalias e normalidades) com o contextual (com suas rupturas e continuidades) o poder que as biografias possuem de produzir narrativas históricas com sentido.

Referências bibliográficas

AVELAR, Alexandre de Sá. A Biografia como escrita da História: Possibilidades, Limites e Tensões. In: *Dimensões, Revista de História da UFES*, nº 24. 2010. (PP 157 – 172)

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. (PP 225-249)

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Coleção História e Historiografia. Tradutor: Fernando Scheibe. São Paulo: Editora Autêntica, 2011.

MARTINS, Estevão de Rezende (org). *A História pensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX*. 1º edição. São Paulo: Contexto, 2015.

PETTEGREE, 2016. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2017/04/14/books/review/martin-luther-renegade-and-prophet-lyndal-roper.html>. Acesso em 0 de Junho de 2018.

ROPER, Lyndal. *Martin Luther: Renegade and Prophet*. Nova Iorque: Random House, 2017.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História. Uma teoria da história como ciência*”, Tradutor: Estevão Martins. Paraná: Editora da UFPR, 2015.

SCHILLING, Heinz. *Martin Luther: Rebel in an age of upheaval*. Tradutor: Rona Roston. Londres: Oxford University Press, 2017.

Declaração de Autenticidade

Eu, Amanda Ferrari Vasconcellos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Lutero Biografado: Indivíduo e Sociedade nas biografias de Heinz Schilling e Lyndal Roper” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ ou outra universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 06 de junho de 2018.

Amanda Ferrari Vasconcellos